

A077

Soroprevalência de lentivirose de pequenos ruminantes em ovinos e caprinos na região do submédio do Vale do São Francisco, Pernambuco, Brasil

Josir Laine Aparecida Veschi, Alaíde Maria de Souza Landim, Edson Mandagaran Ramos, Luiz Francisco Zafalon & Roberto Soares de Castro

EMBRAPA SEMIÁRIDO

O objetivo do presente estudo foi o de avaliar a soroprevalência de anticorpos, contra o vírus da Artrite-Encefalite Caprina e da Maedi-Visna em amostras de soro sanguíneo de caprinos e ovinos, respectivamente. Para este estudo, foram colhidas 600 amostras de sangue, sendo 374 de ovinos e 226 de caprinos. As coletas foram realizadas no Matadouro Municipal de Petrolina, PE, Brasil, por punção da veia jugular, com agulhas duplas, descartáveis, estéreis e individuais em tubos a vácuo. Foram utilizados animais de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 12 meses. Os animais eram procedentes de rebanhos, localizados em municípios que constituem o lado pernambucano da região do Submédio do Vale do São Francisco (Petrolina, Dormentes, Afrânio, Petrolândia, Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista). Após as coletas, os tubos contendo as amostras de sangue eram transportados sob refrigeração para o Laboratório de Saúde Animal da Embrapa Semiárido e quando ocorrida a completa retração do coágulo os tubos, foram centrifugados. O soro sanguíneo foi transferido para micro-tubos e mantido a -20°C até a utilização no teste sorológico. Utilizou-se a técnica de Imunodifusão em Gel de Ágar (IDGA) com kit produzido e comercializado pela Biovetech® para o diagnóstico de CAE nas amostras de soro dos caprinos e de Maedi-Visna dos ovinos. Das 374 amostras de soro de ovinos avaliadas, somente uma (01) apresentou resultado positivo, ou seja, 0,27% de prevalência. Dentre as 226 amostras de soro de caprino que foram avaliadas pelo IDGA para diagnóstico da CAE, somente duas (02) amostras apresentaram resultado positivo, ou seja, 0,88% de prevalência. Diante dos resultados obtidos, conclui-se que, mesmo numa baixa prevalência, existe a presença das Lentivirose dos Pequenos Ruminantes (CAE e Maedi-Visna) em caprinos e ovinos criados nas propriedades rurais da região do Submédio do Vale do São Francisco, Pernambuco, Brasil.

A078

Prevalência da anemia infecciosa equina em haras em Minas Gerais

Valéria Maria de Andrade Almeida¹, Karina S. Fiorillo², Marilda F. Martins³, João P. A. Haddad⁴, Rômulo C. Leite⁴, Jenner K. P. Reis⁴ & Vitor S. P. Gonçalves²

¹INSTITUTO MINEIRO DE AGROPECUÁRIA, ²LABORATÓRIO DE EPIDEMIOLOGIA VETERINÁRIA - FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINÁRIA, UNB, ³LABORATORIO DE SAÚDE ANIMAL IMA, ⁴DEPARTAMENTO DE MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA EV/UFMG

A equideocultura está em constante expansão e a Anemia Infecciosa Equina (AIE) é um obstáculo ao seu desenvolvimento, por ser uma doença transmissível e incurável. Objetivando conhecer a situação epidemiológica da AIE em equídeos de raça, no Estado de Minas Gerais, foi estimada a prevalência da doença nos haras localizados em sete estratos amostrais, que contemplaram as 12 mesorregiões do Estado, definidas pelo IBGE. Trata-se da segunda etapa de um estudo já iniciado com a caracterização epidemiológica da enfermidade em propriedades com animais de serviço. Foram amostrados 7742 equídeos pertencentes a 717 haras, distribuídos em sete estratos regionais, no período de maio de 2004 a janeiro de 2006. O diagnóstico laboratorial foi feito em série, sendo realizado o teste ELISA como triagem e a Imunodifusão em Gel Ágar (IDGA) como teste confirmatório. A prevalência encontrada foi de 0,44% [intervalo de confiança (IC) 95% = 0,00 - 0,871] haras positivas e de 0,07% [IC= 0 - 0,251] animais positivos para a AIE. Os Haras apresentaram menor prevalência da doença do que as propriedades com animais de serviço, porque provavelmente o valor zootécnico dos equídeos de raça leva à maior preocupação em promover rapidamente a eutanásia dos animais positivos e o saneamento do foco. Os equídeos de haras também transitam mais e por isso estão sujeitos a maior controle dos órgãos oficiais de defesa sanitária animal. As maiores prevalências foram encontradas nos estratos 1 (Norte/Noroeste de Minas), com 0,34% e 2 (Vale do Mucuri/Jequitinhonha) com 0,72%. O estrato 7 (Campo das Vertentes e Zona da Mata) apresentou prevalência de 0,08% e nas demais regiões não foram encontrados animais positivos. Este estudo demonstrou que a prevalência de AIE em haras é muito baixa sendo a prevalência na região norte de Minas Gerais (estratos 1 e 2) mais alta do que no centro e sul do estado, distribuição similar à encontrada em estudo de prevalência prévio contemplando animais de serviço.